interapia

V. 3 N. 2 (2025) · ENSAIO TEÓRICO · ISSN 3085-9085

ENSAIO TEÓRICO FILOSOFIA · PSICANÁLISE

Reconhecimento e identificação: o sujeito entre a dialética hegeliana e o estádio do espelho lacaniano

Recognition and identification: the subject between the Hegelian dialectic and the Lacanian mirror stage

Bruno Brambati Piumbini

Psicanalista clínico, Brasil.

PUBLICADO 19 DEZ 2025

Os registros de tramitação editorial dos volumes 1 a 3 estão incompletos em razão de mudança na direção da revista. As datas de recebimento, revisão e aceite deste artigo não puderam ser recuperadas e, por isso, não são informadas.

RESUMO

Este artigo examina a aproximação, recorrente na literatura psicanalítica de língua portuguesa, entre a dialética do reconhecimento exposta por Hegel na *Fenomenologia do espírito* e o estádio do espelho formulado por Lacan. Sustenta-se que a aproximação é legítima e historicamente fundada — a mediação de Kojève, cujo seminário Lacan frequentou nos anos 1930, é incontornável —, mas que ela se torna estéril quando converte correspondência em sinonímia. Três termos concentram o risco: sujeito, saber e desejo. Em Hegel, designam momentos de um movimento que tende à reconciliação; em Lacan, nomeiam uma divisão sem síntese, um saber que não se sabe e uma falta estruturalmente insatisfazível. O percurso reconstitui primeiro a figura do senhorio e da servidão em seus próprios termos, depois o estádio do espelho como teoria da identificação imaginária, e em seguida confronta os três conceitos sob dupla acepção. Argumenta-se que reconhecimento e identificação não são operações homólogas: o primeiro é intersubjetivo e dialético, o segundo é especular e produz *méconnaissance*. Conclui-se que a aproximação rende como instrumento de leitura da divisão subjetiva e da transferência, mas não autoriza supor, na clínica, um termo em que a divisão se resolva.

Palavras-chave: Hegel; Lacan; reconhecimento; estádio do espelho; alienação.

ABSTRACT

This article examines the approximation, recurrent in Portuguese-language psychoanalytic literature, between the dialectic of recognition set out by Hegel in the *Phenomenology of Spirit* and the mirror stage formulated by Lacan. It is argued that the approximation is legitimate and historically grounded — the mediation of Kojève, whose seminar Lacan attended in the 1930s, is unavoidable — but that it becomes sterile when correspondence is converted into synonymy. Three terms concentrate the risk: subject, knowledge and desire. In Hegel they designate moments of a movement tending towards reconciliation; in Lacan they name a division without synthesis, a knowledge that does not know itself, and a structurally unsatisfiable lack. The path first reconstitutes the figure of lordship and bondage in its own terms, then the mirror stage as a theory of imaginary identification, and subsequently confronts the three concepts under their double acceptation. Recognition and identification are shown not to be homologous operations: the former is intersubjective and dialectical, the latter specular and productive of *méconnaissance*. It is concluded that the approximation yields an instrument for reading subjective division and transference, but does not authorise supposing, in the clinic, a term in which that division is resolved.

Keywords: Hegel; Lacan; recognition; mirror stage; alienation.

1 Introdução

Entre os lugares-comuns mais estáveis da literatura psicanalítica contemporânea está a afirmação de que o estádio do espelho lacaniano prolonga, no terreno da constituição do eu, o que Hegel havia estabelecido sobre o reconheci-

CC BY-NC 4.0 · INTERAPIA.ORG

mento. A afirmação tem fundamento. Lacan frequentou, entre 1933 e 1939, o seminário em que Kojève comentava a *Fenomenologia do espírito*, e a fórmula segundo a qual o desejo do homem é o desejo do Outro carrega marca inequívoca daquela leitura. Não se trata, portanto, de analogia construída retrospectivamente por comentadores: trata-se de filiação documentada.

O problema não está na filiação, mas no uso que dela se faz. Com frequência, a aproximação opera por substituição de vocabulário: o senhor e o servo tornam-se figuras do narcisismo, a alienação hegeliana e a alienação lacaniana são tratadas como o mesmo processo, e o reconhecimento mútuo surge como horizonte normativo da análise. O resultado é um texto em que ambos os autores parecem dizer a mesma coisa em dialetos diferentes — e no qual, precisamente por isso, nenhum dos dois diz nada que o outro já não tivesse dito.

A tese aqui sustentada é que a aproximação rende quando preserva a assimetria. Hegel e Lacan empregam *sujeito*, *saber* e *desejo* em acepções que não se recobrem, e é no intervalo entre essas acepções — não na sua fusão — que a comparação produz inteligibilidade. A *Fenomenologia* narra um itinerário: as figuras da consciência se sucedem porque cada uma fracassa de modo determinado, e o fracasso é o motor que conduz ao saber absoluto. O ensino de Lacan não tem itinerário desse tipo. A divisão que o estádio do espelho inaugura não é suprassumida em etapa posterior; ela é a condição permanente do sujeito falante.

Essa diferença não é detalhe de escola. Ela decide o que se pode esperar de um tratamento. Se a divisão subjetiva for lida como momento negativo a ser superado, a análise ganha télos: restituir ao analisante a unidade que o espelho lhe teria roubado. Se for lida como estrutura, o que a análise pode oferecer é outra coisa — um deslocamento na posição do sujeito diante de sua falta, não a supressão dela. O artigo examina essa bifurcação e suas consequências, e discute em que medida as leituras críticas de inspiração racial, decolonial e desconstrucionista, que nos últimos anos reabriram o dossiê, deslocam os termos do problema.

2 Método

Trata-se de revisão narrativa de literatura, de natureza teórico-conceitual. A opção pela revisão narrativa, e não pela revisão sistemática, decorre do objeto: o que está em exame é a compatibilidade semântica entre dois léxicos filosóficos, questão que não se decide por contagem de estudos nem admite protocolo de triagem com desfecho mensurável.

O corpus primário reúne os textos em que cada formulação recebe exposição canônica: a seção sobre independência e dependência da autoconsciência, na *Fenomenologia do espírito* (HEGEL, 2014); o comentário de Kojève (2002), tomado não como exegese autorizada de Hegel, mas como o Hegel efetivamente recebido pela geração francesa; e, em Lacan, o escrito de 1949 sobre o estádio do espelho, o relatório de Roma de 1953, o escrito de 1960 sobre a subversão do sujeito e as operações de alienação e separação expostas no Seminário 11 (LACAN, 1998a, 1998b, 1998c, 1998d). Recorre-se a Freud (1996) onde a filiação é direta, em particular quanto ao narcisismo.

O corpus secundário reúne trabalhos publicados entre 2021 e 2024 que tratam explicitamente da interface, ou que incidem sobre um de seus termos de modo a afetá-la. O critério de inclusão exigiu publicação em periódico com revisão por pares e tratamento conceitual do problema; o critério de exclusão descartou trabalhos que mencionassem a interface apenas de passagem e aqueles cuja identificação bibliográfica não pôde ser confirmada de modo inequívoco.

O procedimento consistiu em três etapas: reconstituição de cada formulação em seus próprios termos e em seu próprio contexto argumentativo; identificação dos pontos em que os léxicos se tocam; e exame, termo a termo, do que a sobreposição sustenta e do que ela não sustenta.

3 A dialética do reconhecimento e sua recepção francesa

3.1 Senhorio e servidão

A figura hegeliana do senhorio e da servidão não é, em sua letra, uma teoria da constituição psíquica individual. Ela pertence ao capítulo sobre a autoconsciência e responde a um problema de ordem lógica: como a certeza de si, que a consciência alcançou ao voltar-se sobre seu objeto, pode converter-se em verdade. A resposta de Hegel (2014) é que ela não pode fazê-lo sozinha. A autoconsciência só é efetiva quando reconhecida por outra autoconsciência, e esse reconhecimento não é dádiva: é conquistado em confronto no qual cada termo arrisca a vida para provar que não é mera existência natural.

O desfecho do confronto é desigual, e é dessa desigualdade que decorre o essencial. O senhor obtém reconhecimento, mas de quem ele próprio não reconhece — reco-

CC BY-NC 4.0 · INTERAPIA.ORG

nhecimento, portanto, sem valor, porque proveniente de uma consciência rebaixada à condição de coisa. O servo, que recuou diante da morte, encontra na experiência do medo absoluto e no trabalho sobre a matéria a via pela qual se forma e se efetiva. A verdade do senhor é o servo; a independência aparente converte-se em dependência, e a dependência em formação.

Dois traços da figura merecem registro, porque é sobre eles que a aproximação psicanalítica costuma passar depressa. O primeiro é que o reconhecimento é, em Hegel, intrinsecamente recíproco em seu conceito, ainda que a reciprocidade falhe na figura examinada — a falha é o que empurra o movimento adiante. O segundo é que a figura é um momento, não um destino: ela será suprassumida nas figuras seguintes, e a *Fenomenologia* inteira é a narrativa dessa superação sucessiva. Retirar a figura dessa economia e tratá-la como descrição autônoma de uma relação intersubjetiva é operação legítima, mas que precisa ser declarada, pois altera o estatuto do que se está citando.

3.2 A antropologização por Kojève

Foi exatamente essa operação que Kojève (2002) realizou, e é por isso que sua mediação é incontornável. O Hegel de Kojève é antropológico: a *Fenomenologia* torna-se relato da constituição do humano, o desejo (*Begierde*) assume posição central, e a fórmula que dele resulta — o desejo humano é desejo do desejo do outro — desloca o eixo do argumento da lógica para a intersubjetividade. Kojève acentua ainda o que Hegel subordina: a negatividade, a morte, a luta. Maeso (2024) documenta como essa leitura atravessou o existencialismo e o estruturalismo antes de chegar às teorias da subjetividade, e Spak (2021) observa que o Hegel presente na psicanálise francesa é, em larga medida, esse Hegel já interpretado.

A consequência metodológica é relevante. Quando um texto psicanalítico invoca Hegel, convém perguntar qual Hegel está em causa. A dialética do reconhecimento lida como etapa de um sistema que culmina no saber absoluto e a dialética do reconhecimento lida como antropologia do desejo não produzem os mesmos efeitos teóricos. Lacan herdou a segunda, e boa parte das tensões que se seguem decorre de ele tê-la herdado para em seguida recusar-lhe a conclusão.

4 O estádio do espelho como teoria da identificação

O escrito de 1949 propõe que a criança entre seis e dezoito meses, cuja coordenação motora é ainda precária, antecipa no espelho uma unidade corporal que não possui. O júbilo que acompanha o reconhecimento da imagem registra essa antecipação: o infante assume uma *Gestalt* que lhe vem de fora e que é, em relação à experiência fragmentada do corpo próprio, uma promessa (LACAN, 1998a). O eu que daí resulta não é instância de síntese nem órgão de adaptação; é precipitado de identificações, e sua origem exterior é constitutiva, não acidental.

Scarano e Pertile (2021) sublinham que a cena envolve três termos, e não dois: a criança, a imagem e o Outro que ratifica. A identificação especular não se consuma no par olho-espelho; requer o assentimento daquele que sustenta a criança e nomeia o que ela vê. Esse terceiro termo é o que impede reduzir o estádio do espelho a episódio evolutivo e o instala como operação simbólica. A filiação freudiana é direta: o eu que se constitui no espelho é o eu do narcisismo, investido libidinalmente de fora antes de poder investir (FREUD, 1996). Convém reter, com Laplanche e Pontalis (2001), que identificação designa em psicanálise a assimilação de um traço do outro pela qual o sujeito se transforma — definição que já a distingue do reconhecimento recíproco entre termos previamente constituídos.

Daí decorre o traço que mais resiste à assimilação a Hegel. O estádio do espelho não produz reconhecimento, produz *méconnaissance*. A unidade capturada é antecipada e, por isso, falsa no momento em que é assumida; o eu se institui sobre um desconhecimento de sua própria condição. Penna e Pimenta (2024) acentuam que a alienação assim inaugurada não é acidente corrigível, e sim a forma pela qual o sujeito advém. Lacan (1998d) formalizará o ponto nas operações de alienação e separação: o sujeito surge no campo do Outro sob a forma de uma escolha forçada, perdendo necessariamente uma parte de si no próprio ato de constituir-se.

Há, portanto, proximidade real com Hegel — alienação, dependência de um outro, constituição do si pelo que lhe é exterior — e, no mesmo lance, divergência decisiva. Em Hegel, a alienação é momento cuja verdade se revela na superação. Em Lacan, não há superação prevista. A separação não desfaz a alienação; produz, no intervalo entre os significantes do Outro, o espaço exíguo em que algo do desejo pode se inscrever.

5 Três termos sob dupla acepção

5.1 Sujeito

Em Hegel, sujeito nomeia a substância que se sabe como substância, isto é, o movimento pelo qual o em-si se torna

CC BY-NC 4.0 · INTERAPIA.ORG

para-si. O prefácio da *Fenomenologia* é explícito: o verdadeiro deve ser apreendido não como substância, mas como sujeito, e isso significa apreendê-lo como processo que, atravessando a negação, retorna a si enriquecido. O sujeito hegeliano é, nesse sentido, resultado.

O sujeito lacaniano é o oposto de um resultado. Escrito com a barra, ele designa a divisão introduzida pelo significante: o sujeito é o que um significante representa para outro significante, o que equivale a dizer que ele não tem consistência própria e só comparece no intervalo da cadeia (LACAN, 1998c). Lemke, Ravanello e Costa (2021) mostram que essa posição tensiona as categorias ontológicas herdadas, pois a falta-a-ser não é privação de um ser que poderia ser restituído, e sim o modo mesmo pelo qual o sujeito do inconsciente se apresenta.

5.2 Saber

O saber absoluto hegeliano é termo de um percurso: a transparência do espírito a si mesmo, na qual a diferença entre consciência e objeto se dissolve. Em Lacan, saber e verdade se separam. Há um saber no inconsciente que o sujeito não sabe que sabe, e o saber que o analisante atribui ao analista — o sujeito suposto saber — é artifício transferencial, condição de entrada no tratamento e não sua meta. A direção do trabalho implica, ao fim, a destituição dessa suposição. Spak (2021) formula a oposição com precisão ao confrontar a certeza do significado em Hegel com a verdade do interdito em Lacan: a mediação simbólica que habilita o dizer é a mesma que impede o sujeito de se abarcar nele.

5.3 Desejo

A *Begierde* hegeliana é negatividade: desejo que suprime seu objeto para afirmar a independência da autoconsciência, e que, por isso mesmo, depende do objeto que destrói. Elevado a desejo de reconhecimento, encontra satisfação possível — a reciprocidade efetiva é figura alcançável no sistema. O desejo lacaniano não comporta esse desfecho. Metonímico, desliza de objeto em objeto sem que nenhum o conclua, porque não lhe falta este ou aquele objeto, mas um objeto que nunca existiu. Silva (2022) demonstra que é essa estrutura que separa o desejo lacaniano do realismo ingênuo do eu: o desejo não busca completude, mas se produz a partir da falta. A fórmula compartilhada com Kojève — o desejo é desejo do Outro — recebe, assim, leitura incompatível: em Kojève designa o reconhecimento que o outro pode conceder; em Lacan, a dependência do sujeito ao campo significante que o precede e no qual ele não encontra resposta.

TERMO	EM HEGEL	EM LACAN	ALCANCE E LIMITE DA APROXIMAÇÃO
Sujeito	Movimento que atravessa a negação e retorna a si como resultado	Divisão produzida pelo significante, sem consistência própria	Permite pensar a divisão; não permite supor um termo que a resolva
Saber	Transparência do espírito a si, alcançável no saber absoluto	Saber que não se sabe; suposição transferencial a ser destituída	Permite ler a transferência; não permite saber conclusivo sobre si
Desejo	*Begierde*: negatividade que se satisfaz no reconhecimento mútuo	Metonímico, nascido da falta, estruturalmente insatisfazível	Permite a fórmula do desejo do Outro; não permite reciprocidade
Reconhecer / identificar	Reconhecimento recíproco entre duas autoconsciências	Identificação com a imagem, produtora de *méconnaissance*	Permite o cotejo; não permite tratar os termos como sinônimos
Alienação	Momento negativo destinado à suprassunção	Operação constitutiva, irreversível, correlata da separação	Permite o paralelo estrutural; não permite prever superação

Tabela 1 — Acepções divergentes de cinco termos compartilhados pelo léxico hegeliano e pelo léxico lacaniano. A última coluna registra o que a aproximação sustenta e o que ela não autoriza, e não um grau de convergência entre as duas teorias.

6 Deslocamentos críticos recentes

A discussão sobre a interface foi reaberta, nos últimos anos, por abordagens que incidem menos sobre a coerência interna dos conceitos do que sobre suas condições de aplicação. Três direções merecem registro.

A primeira é a crítica racial e decolonial. Silva (2024), ao reler a dialética do reconhecimento com Fanon, mostra que a luta por reconhecimento supõe partes capazes de ocupar a posição de autoconsciência, e que a situação colonial é precisamente aquela em que essa posição é denegada a um dos termos. Não se trata de reconhecimento falho, mas de exclusão prévia do campo em que o reconhecimento se disputa. Dias e Canavêz (2022), em registro correlato, demonstram que a estrutura edipiana é atravessada por discursos de hierarquia racial, de modo que as

CC BY-NC 4.0 · INTERAPIA.ORG

posições parentais comparecem já marcadas por determinações que a teoria costuma supor neutras. Ambra e Paulon (2024) estendem a observação ao sofrimento de origem institucional, evidenciando que, em contextos de violência, o reconhecimento mútuo tanto pode subverter quanto reproduzir a relação de força que o enquadra.

A segunda direção é desconstrucionista. Dutra (2024) submete a centralidade do falo em Lacan à crítica derridiana e expõe zonas de indeterminação que o modelo não absorve. A pertinência para o problema aqui tratado é indireta mas real: se o operador que ordena a diferença sexual é ele próprio instável, enfraquece-se a pretensão de que o quadro lacaniano constitua estrutura formal indiferente aos contextos em que opera — pretensão que sustentava, em boa parte, a confiança com que o quadro era sobreposto ao hegeliano.

A terceira provém da clínica com sujeitos cujo modo de subjetivação não se conforma ao padrão pressuposto. Reis *et al.* (2023) examinam o trabalho do analista com o autismo e indicam que as modalidades de transferência e de mediação linguística ali em jogo exigem revisão do que se entende por acesso ao simbólico. Também aqui o efeito sobre a interface é de limitação: a identificação especular descrita em 1949 não descreve um universal antropológico, e a figura hegeliana, construída sobre duas autoconsciências plenamente constituídas, descreve-o ainda menos.

O que essas três direções têm em comum é o deslocamento do registro da discussão. A questão deixa de ser se Hegel e Lacan dizem o mesmo e passa a ser sob que condições cada um dos dois quadros se aplica — pergunta à qual nenhum deles responde por si.

7 Considerações finais

O percurso autoriza três conclusões.

A primeira é que a filiação entre Hegel e Lacan é histórica antes de ser conceitual. Ela passa por Kojève, e o Hegel que dela resulta é um Hegel antropologizado, no qual o desejo ocupa o lugar que o sistema reservava à lógica. Omitir essa mediação produz o efeito de atribuir a Hegel teses que são de seu intérprete, e de fazer parecer espontânea uma convergência que foi construída.

A segunda é que a aproximação se sustenta no plano da estrutura e se desfaz no plano do destino. Ambos descrevem um si que se constitui pelo que lhe é exterior e que, nesse movimento, se perde. Divergem quanto ao que se segue: a *Fenomenologia* narra uma perda que trabalha em favor de sua superação, ao passo que o ensino de Lacan sustenta uma perda sem restituição prevista. Tratar as duas alienações como uma só é, portanto, o erro mais consequente que a literatura comete, porque importa para a psicanálise um télos que ela recusou.

A terceira diz respeito à clínica. Se a divisão subjetiva é estrutural, a direção do tratamento não pode ser a restituição de uma unidade perdida, e o reconhecimento mútuo não funciona como critério de êxito. O que a leitura cruzada oferece ao analista é mais modesto e mais utilizável: um vocabulário para situar os impasses em que o analisante demanda do Outro uma ratificação que nenhum Outro está em condição de fornecer, e para distinguir esses impasses da retificação da posição subjetiva que a análise pode efetivamente produzir.

Resta, como agenda, examinar se a assimetria aqui sustentada se mantém diante das reformulações tardias de Lacan, nas quais o estatuto do real e a função do sintoma deslocam o peso do registro imaginário. É trabalho que exige exame textual específico e que este artigo apenas delimita.

Declarações

Conflito de interesses. O autor declara não haver conflito de interesses.

Financiamento. A pesquisa não recebeu financiamento específico de agências públicas, comerciais ou sem fins lucrativos.

Uso de inteligência artificial. A revista não dispõe de declaração do autor; o manuscrito, do acervo, foi recebido pela direção anterior, que não a solicitava.

Disponibilidade de dados. Não se aplica: trata-se de revisão de literatura, sem produção de dados primários.

Nota editorial. Este artigo integra o acervo reorganizado dos volumes 1 a 3 da Interapia. O texto foi editorialmente adequado às normas vigentes da revista quanto a estrutura, registro e normalização de referências, sem alteração de tese, argumento ou atribuição de autoria.

Referências

AMBRA, P.; PAULON, C. P. Registros políticos do sofrimento: identidade, trauma e transformação. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 27, p. e230967, 2024.

DIAS, L. S.; CANAVÊZ, F. Complexo de Édipo e diferença racial em psicanálise. *Revista Subjetividades*, v. 22, n. 3, p. e12545, 2022.

CC BY-NC 4.0 · INTERAPIA.ORG

DUTRA, V. A economia restrita do falo: crítica derridiana à teoria sexual de Lacan. *Princípios: Revista de Filosofia*, v. 31, n. 66, 2024.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 77-108.

HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do espírito*. Tradução de Paulo Meneses. 9. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2014.

KOJÈVE, A. *Introdução à leitura de Hegel*: aulas sobre a Fenomenologia do Espírito. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto; EdUERJ, 2002.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949). In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a. p. 96-103.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b. p. 238-324.

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960). In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998c. p. 807-842.

LACAN, J. *O seminário, livro 11*: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998d.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEMKE, R.; RAVANELLO, T.; COSTA, M. O problema da ontologia na psicanálise lacaniana. *Tempo Psicanalítico*, v. 53, n. 2, 2021.

MAESO, B. E. "Pais e filhos": a recepção de Hegel nas filosofias francófilas no século XX. *DoisPontos*, v. 21, n. 3, 2024.

PENNA, P. D. M.; PIMENTA, C. G. A importância do processo de alienação na constituição do sujeito: abordagens teóricas e clínicas na psicanálise lacaniana. *Caderno Pedagógico*, v. 21, n. 10, p. e9340, 2024.

REIS, V. A. W. *et al*. Considerações sobre o trabalho do analista com o autismo a partir da psicanálise lacaniana. *Tempo Psicanalítico*, v. 55, p. 432-466, 2023.

SCARANO, R. C. V.; PERTILE, G. H. A questão da identificação em O estádio do espelho e sua relação com a alteridade em Jacques Lacan. *Analytica: Revista de Psicanálise*, v. 10, n. 19, p. 1-21, 2021.

SILVA, A. W. C. da *et al*. A teoria do desejo em Lacan como crítica ao realismo ingênuo do eu. *Revista Subjetividades*, v. 22, n. 3, 2022.

SILVA, P. C. A. A questão do reconhecimento: Fanon e a dialética hegeliana. *Via Atlântica*, v. 25, n. 1, p. 160-188, 2024.

SPAK, G. C. Sujeito e saber em Hegel e em Lacan: entre a certeza do significado e a verdade do interdito. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, v. 10, n. 2, p. 41-52, 2021.

CC BY-NC 4.0

COMO CITAR

PIUMBINI, B. B. Reconhecimento e identificação: o sujeito entre a dialética hegeliana e o estádio do espelho lacaniano. *Interapia — Revista de Clínica, Cultura e Ciências Mentais*, v. 3, n. 2, p. 40-46, 2025.

LICENÇA

Publicado em acesso aberto sob licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional. O autor mantém os direitos sobre a obra e concede à revista o direito de primeira publicação.